

No entanto, nenhum outro livro nos revela tanto sobre nós mesmos — o que somos, aonde vamos e porquê

O Livro Que Quase Ninguém Lê



FREDERICK BUECHNER

COMO as peças de Shakespeare, os diálogos de Platão e uma série de outros clássicos, a Bíblia pesa em muitas consciências. A gente acha que já devia ter lido. Naturalmente, existem mil razões para justificar não o ter feito. Uma delas é o próprio livro, geralmente de um negro desbotado como a caraça de um agente funerário. As margens são cheias de referências a outras passagens, a linguagem às vezes é impenetrável e o texto é pontilhado de sinais gráficos incompreensíveis.

Há ainda outras razões. Não é só a aparência que é terrivelmente monótona; às vezes, é mesmo. Os Profetas são um pouco verbosos e parece que não raro se repetem.

Depois, há aquele exaustivo «quem gerou quem». Há trechos que teriam posto o próprio Moisés para dormir, como os seis longos capítulos do Exodus descrevendo o Templo nos seus mínimos pormenores, até à qualidade e desenho das cortinas. Há todas aquelas citações conhecidas e a sensação de que já se sabe de antemão tudo o que a Bíblia vai dizer. E chamam-na «O Bom Livro», o que — tal é a perversidade humana — induz muito frequentemente ao pensamento secreto. Prefiro mil vezes um Mau Livro Profano.

Se ainda é preciso desculpa para não ler a Bíblia, não há como ocultar o fato de que ela é também cheia de coisas que mesmo os seus maiores

admiradores gostariam que lá não estivessem. Há passagens em que o Deus de Israel é mostrado como interessado em outras nações apenas na medida em que pode utilizá-las para obrigar Israel a entrar na linha. No decorrer de um único salmo, o sublime e o indizível aparecem lado a lado. O Salmo 137 é um exemplo, começando com: «Às margens dos rios de Babilônia nós nos assentávamos e chorávamos...» e terminando com: «Feliz aquele que pegar teus filhos e esmagá-los contra a pedra.»

O sublime e o indizível. O divino e o humano. Vezes sem conta andam de mãos dadas através das passagens bíblicas. Tomemos Noé, o único homem digno de ser salvo do Dilúvio. Ele atravessa a tempestade na arca, para logo se embebedar até cair inconsciente na tenda, onde seu filho vem cobrir-lhe a nudez. Ou percorramos o Deuteronomio, onde se encontram leis milhares de anos à frente, como aquela que isenta o homem recém-casado do serviço militar durante um ano, para que «possa fazer feliz a mulher que tomou», ao lado de outras que fariam ruborizar Gengis Cã, como a que determina que Israel destruirá os povos vencidos, sem demonstrar piedade e sem entrar em acordos com eles.

Em resumo, uma das maneiras de descrever a Bíblia, escrita por muitos autores diferentes ao longo de um período de 3.000 ou mais anos, seria defini-la como uma desordenada coleção de 60 e tantos livros,

frequentemente tediosos, bárbaros, obscuros e coalhados de contradições e incoerências. É uma mistura fantástica, uma salada de poesia e propaganda, leis e costumes, mitos e obscurantismo, história e histeria.

No entanto...

No entanto, exatamente porque é um livro sobre o sublime e o indizível, é também um livro sobre a vida. É um livro sobre pessoas que, ao mesmo tempo, podem ser crentes e incrédulos, inocentes e culpados, cruzados e canalhas, cheias de esperança e cheias de desespero. Em outras palavras, é um livro sobre *nós*.

E é também um livro sobre Deus. Se não é sobre o Deus em quem acreditamos, é sobre o Deus no qual não acreditamos. De qualquer forma, a história que ele conta é a nossa própria história.

Mas encontramos na Bíblia algo mais também.

O grande teólogo protestante Karl Barth, no seu livro *A Palavra de Deus e a Palavra do Homem*, diz que ler a Bíblia é como olhar pela janela e ver todo o mundo na rua levantando os olhos para o céu e vendo algo que o teto nos oculta. As pessoas apontam para o alto. Pronunciam palavras estranhas. Parecem muito excitadas. Algo acontece que nós não vemos acontecer. Algo além da nossa compreensão atraiu-as e procura conduzi-las «de terra em terra, para um apostolado estranho, intenso, incerto e, contudo, misteriosamente bem planejado». Ler a Bíblia é tentar apreender a

expressão dos seus rostos. Ouvir as palavras da Bíblia é tentar captar o som da palavra estranha, perigosa e avassaladora que elas parecem ouvir.

Abraão e Sara, com lágrimas de incrédula alegria a rolar-lhes pelas faces enrugadas quando Deus lhes diz que cumprirá a promessa e lhes dará o filho há tanto tempo desejado. O Rei Davi, nu como no dia em que nasceu, dançando de alegria diante da arca. Paulo na estrada de Damasco. Jesus crucificado entre dois ladrões e cuspido no rosto pelos romanos. Todos olham para o alto. E ouvem.

Como pode o homem do século XX, com todas as suas fixações, tentar ver o que eles viam e ouvir o que eles ouviam? Valerá a pena? Em caso afirmativo, por quê? Eis algumas idéias a respeito, juntamente com sugestões práticas de como ler a Bíblia sem chorar — ou, talvez, com lágrimas nos olhos.

◆ No seu leito de morte, consta que Gertrude Stein teria perguntado: «Qual é a resposta?» E, depois de um longo silêncio: «Qual é a pergunta?» Não comece a procurar as respostas da Bíblia. Comece buscando as perguntas que ela faz.

Estamos profundamente envolvidos, todos nós, com questões que hoje têm grande importância, mas que amanhã à mesma hora estão esquecidas — os «onde», «como» e «por que» imediatos, que se apresentam todos os dias, em casa e no trabalho. Ao mesmo tempo,

a nossa tendência é esquecer as perguntas sobre os assuntos eternos — questões de vida e morte, sobre sentido, objetivo e valor. Perder de vista essas análises de profundidade é correr o risco de perder de vista o que nós realmente somos, no fundo, e aonde realmente estamos indo.

Assim, talvez a razão mais forte para lermos a Bíblia seja, então, o fato de que, em algum lugar das suas páginas, cada leitor encontrará a pergunta que, embora venha fugindo dela, é o ponto focal da sua vida. Aqui vão algumas delas:

«*Que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?*» (Mateus, 16:26)

«*Acaso sou eu tutor de meu irmão?*» (Gênesis, 4:9)

«*Se Deus é por nós, quem será contra nós?*» (Romanos, 8:31)

«*Que é a verdade?*» (João, 18:38)

«*Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?*» (Eclesiastes, 1:3)

«*Que farei para herdar a vida eterna?*» (Lucas, 10:25)

Quando ouvimos a pergunta que é a nossa, já começamos a ouvir muito. E, podendo ou não aceitar as respostas da Bíblia, teremos ao menos chegado ao ponto em que podemos ouvi-las também.

◆ Não comece pelo Gênesis, procurando logo abrir caminho até à Revelação. Concentre-se primeiro nos pontos principais. Nos vales também se encontram tesouros pre-

ciosos; mas, uma vez começado, mantenha-se nas planícies.

Tomemos, por exemplo, o vívido testemunho pessoal do relato sobre o reino de Davi (Segundo Livro de Samuel e os dois primeiros capítulos do Primeiro Livro dos Reis), e especialmente a história de como seu filho Absalão chefou uma revolta armada contra ele, tentando usurpar o trono. Absalão, o jovem, belo e perigoso príncipe, que, de todos os seus filhos, era o único com quem Davi não podia viver e de quem não podia se separar, é morto em combate. Quando o velho rei soube disso, chorou: «Oh! meu filho Absalão, meu filho, meu filho... tivesse eu morrido em seu lugar, oh! Absalão, meu filho.»

Há ainda o Livro de Jó, que enfrenta em toda a inflexibilidade a pergunta que até hoje constitui o maior obstáculo à fé religiosa: «Se existe realmente um Deus, que é infinitamente bom e todo-poderoso, então por que há tanta maldade no mundo? Por que sofre o homem bom enquanto o mau prospera? Por que nasce uma criança irremediavelmente deformada?»

O que nos espanta nessas palavras não é apenas a eloquência emocionada da dor humana, viva ainda depois de 30 séculos, mas a sua estranha premonição do camponês galileu que, gerações mais tarde, seria coberto de palmas como o Filho de Davi, e que morreria em sacrifício, uma morte com a qual o velho rei apenas podia sonhar, impotente.

Jó não dá a explicação, e irrompe em questões: «Acaso entraste nos depósitos da neve e viste o tesouro da saraiva? Ou poderás tu atar as cadeias do sete-estrela? Ou dás tu força ao cavalo, ou revestirás o seu pescoço de crinas?» Deus não revela o Seu desígnio, em vez, revela a Si próprio.

«Eu ouvi a Sua palavra em meus ouvidos, mas agora eu O vejo com os meus olhos», diz Jó, transmitindo poderosamente a idéia do que Jó, como todos nós, sempre quis: não um Deus que demonstrasse teologicamente porque as coisas são como são, mas um Deus que mostrasse a sua face. Não queremos um sermão, e sim uma mão para segurar na nossa.

Entre outros pontos altos estão as passagens de Mateus e Lucas em que Jesus resume os seus ensinamentos em palavras e imagens que desde então comovem o mundo. Começemos por Lucas, pois, sendo o menos conhecido dos dois, poderá causar um maior impacto. «Bem-aventurados vós os que agora chorais, porque haveis de rir», disse Jesus. Em geral, há tão pouco de que rir na Bíblia que esta passagem crucial soa com uma clareza extraordinária — a alegria espantosa, o riso orvalhado de lágrimas da fé justificada, da esperança correspondida.

Nestas altas paragens bíblicas, a atmosfera se torna mais pura e a luz mais intensa. Mas, se ainda assim alguém se sentir perdido, deve lançar mão de um bom livro de comentários bíblicos, que dê a data

e a origem histórica de cada um dos Livros, as circunstâncias especiais sob as quais foram escritos, e esclareça, verso por verso, o sentido das passagens mais difíceis. Mesmo quando o sentido parece perfeitamente claro, um comentário pode ampliar e enriquecer a nossa compreensão. O Livro de Jonas, por exemplo — de duas ou três páginas apenas — ganha um novo significado quando descobrimos a sua importância na transmissão da mensagem de que a piedade e o perdão de Deus estendem-se não somente aos filhos de Israel, mas a toda a humanidade.

◆ Pode parecer como ler a sorte, mas não se preocupe com isso. Abra a Bíblia ao acaso e comece a lê-la. Se não encontrar algo que pareça dizer-lhe respeito diretamente, abra-a em outra página. Leia-a como se os seus textos fossem tão antigos, sábios e exóticos como o I Ching ou um baralho Tarot. Porque, de fato, o são.

Lembro-me de ter um dia aberto a Bíblia ao acaso, no terceiro capítulo da Primeira Epístola de João,

caindo-me sob os olhos o verso «Aquele que não ama está nas trevas». Seria uma coincidência ou não, mas estas eram as palavras que eu mais necessitava de ouvir naquele instante.

◆ Há quem diga que se deve ler a Bíblia como literatura, pelas histórias que contém e pelo seu valor histórico, sem se preocupar com o que ela realmente significa do ponto de vista da fé religiosa. Ler como um livro qualquer.

O problema é que a Bíblia não é um livro qualquer. Encará-la como obra literária é o mesmo que ler *Moby Dick* como um manual de pesca da baleia.

◆ Finalmente, isto. Se olharmos *para* uma janela, veremos sujos de moscas, pó, uma rachadura; se olharmos *através* da janela, veremos o mundo lá fora.

Algo semelhante é a diferença entre os que consideram a Bíblia ilegível e os que vêem nela a Palavra de Deus que brota das profundezas de um passado inimaginavelmente remoto para a intimidade dos nossos corações.



Fundo de Gaveta

O PROBLEMA da poluição poderia ser muito maior que o atual. Imaginem o que seria se todas as pessoas que vivem ameaçando de repente saíssem *realmente* limpando seus porões, sótãos e garagens. — D. M.

NA VERDADE, fico até satisfeito de saber que do mundo nada se leva — é a única maneira de me livrar de todo o lixo que vim juntando pela vida fora. — B. P.